

LINGÜÍSTICA  
15 IN FOCUS

# Frasesologia:

enfoques contrastivos  
e especializados

Ariel Novodvorski  
Cleci Regina Bevilacqua  
*Organizadores*

EDUFU

  
ileel  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA

Fraseologia:  
enfoques contrastivos e especializados

*Reitor*

Valder Steffen Jr.

*Vice-reitor*

Carlos Henrique Martins da Silva

*Diretor da Edufu*

Alexandre Guimarães de Tadeus Soares

*Conselho Editorial da Edufu*

Amon Santos Pinho

Arlindo José de Souza Junior

Carla Nunes Vieira Tavares

Mical de Melo Marcelino

Sertório de Amorim e Silva Neto

Wedisson Oliveira Santos

*Equipe de realização*

Coordenador de publicações Eduardo Moraes Warpechowski

Editora de publicações Mariana Araújo Zocratto

Revisão Os autores

Revisão ABNT Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho

Capa e diagramação Heber Silveira Coimbra

*Coordenadora da Coleção Linguística In Focus*

Marileide Dias Esqueda

*Comissão Editorial*

Guilherme Fromm

Maria Aparecida Resende Ottoni

Valeska Virgínia Soares Souza

*Comissão Consultiva*

Décio Bessa da Costa (UNEB)

Érica Luciene Alves de Lima (Unicamp)

Fabrcio Tetsuya Parreira Ono (UFMS)

Gleiton Malta (UFBA)

Juliana de Freitas Dias (UnB)

Kleber Aparecido da Silva (UnB)

Sandra Aparecida Faria de Almeida (UFJF)

Thyago Madeira França (UEG)

Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFScar)

Wagner Rodrigues Silva (UFT)

Ariel Novodvorski  
Cleci Bevilacqua  
Organizadores

Fraseologia:  
enfoques contrastivos e especializados

Linguística In Focus  
Volume 15



Copyright 2022© Edufu  
Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG  
Todos os direitos reservados.  
É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem  
permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F841e Fraseologia [recurso eletrônico] : enfoques contrastivos e espe-  
2022 cializados / Ariel Novodvorski; Cleci Bevilacqua (Organiza-  
dores) – Uberlândia : EDUFU ; ILEEL, 2022.  
476 p. : il. ; (Linguística in focus ; v. 15).

ISBN: 978-65-5824-020-4

Livro digital (e-book)

<http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-65-5824-020-4>

Textos em português e espanhol.

Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Escrita. I. Novodvorski, Ariel, (Org.). II. Bevilacqua, Cleci, (Org.). III. Série.

CDU: 801

---

Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho – CRB-6/933 – Bibliotecário

Editora da Universidade Federal de Uberlândia  
Av. João Naves de Ávila, 2121  
Campus Santa Mônica – Bloco 1S  
Cep 38.400-902 – Uberlândia – MG  
Tel.: (34) 3239-4293  
[www.edufu.ufu.br](http://www.edufu.ufu.br)

Editora associada à



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

### Base ArtCient em francês e português brasileiro: como dizer o que se quer dizer no texto científico

*Sandra Dias Loguercio*<sup>1</sup>

*Codificar significa a um tempo colocar na devida forma e dar forma.*

*Há uma virtude própria na forma. E a maestria cultural é sempre uma maestria das formas.*

(BOURDIEU, 2004, p. 99)

#### Introdução

O projeto que culmina na construção da base da linguagem comum do artigo científico – Base ArtCient – é motivado, em grande parte, pela prática docente. Pensar o letramento acadêmico a partir de uma perspectiva bi- ou multilíngue se impôs, a mim e a colegas parceiras, a partir da experiência com disciplinas de versão (português > francês, espanhol, alemão, russo) e de leitura e produção textual em língua estrangeira dentro de um curso de formação de tradutores. A necessidade de compreender como se tecem as narrativas científicas em diferentes comunidades discursivas e linguísticas, bem como, em um segundo momento, de produzir textos para essas comunidades em situação de tradução ou versão, nos levou a investigar mais detidamente as especificidades linguísticas e discursivas de gêneros textuais privilegiados para a interação, a construção e a difusão das ciências, o resumo e o artigo científico (ver KILIAN; LOGUERCIO, 2015; LOGUERCIO; KILIAN,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. [sandra.loguercio@ufrgs.br](mailto:sandra.loguercio@ufrgs.br)

2017; LOGUERCIO; CERESER; BEVILACQUA, 2018; LOGUERCIO, 2018, 2019, 2020).

Esse trabalho também é motivado por razões políticas. Investimos em tal projeto conscientes da falta de uma discussão ampla sobre políticas linguísticas em âmbito nacional e universitário, mesmo quando neste último se procura promover a internacionalização<sup>2</sup>, e sobre a relação das línguas e das linguagens com produções do conhecimento. Por um lado, acreditamos na valorização da pluralidade linguística em contexto científico e universitário, insistindo no “valor formativo das línguas [...] para o amadurecimento intelectual” (KLETT, 2007, p. 440) e, portanto, opondo-nos ao “projeto” de uma língua franca da ciência, e, por outro, no letramento acadêmico, já enfatizado por tantos autores (LAUFFLER-LAURIAN, 1987; SWALES, 1990, 2004; MOTTA-ROTH, 1995; LEA; STREET, 1998; BHATIA, 2004; BAZERMAN, 2006; CRUZ; 2007; CAVALLA, 2008, entre outros). Este tende a ser determinante para uma formação acadêmico-profissional consequente, bem como para a permanência estudantil no ensino superior e, principalmente, para a formação de pesquisadores. Em outras palavras, podemos dizer que o domínio das linguagens próprias desse meio, os gêneros acadêmicos, constituem parte do *savoir-faire* que transforma uma pessoa em “estudante”, porque

aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto-eliminar-se porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo. A entrada na vida universitária é como uma passagem: é necessário passar do estatuto de aluno ao de estudante. (COULON, 2008, p. 31)

O *savoir-faire* relativo ao uso da linguagem de natureza linguística – ou o que Bourdieu chama de “*habitus* linguístico”, isto é,

---

<sup>2</sup> É preciso urgentemente que se defina *o que é e a quem beneficia* a internacionalização nas universidades brasileiras e problematizar, de modo constante, sua relação com processos de inclusão na educação superior, ainda bastante precários no país. Enquanto privilegiamos um ensino universitário centrado em línguas hegemônicas de origem européia – e que se encontram na base de processos de colonização ainda hoje – continuamos virando as costas para línguas nacionais originárias (indígenas) ou não prestigiadas socialmente, como línguas de origem africana.

“um sistema de disposições que permite falar oportunamente” (2000, p. 53) – acompanha e condiciona a construção de saberes disciplinares. Se, por um lado, temos a expressão de noções e conceitos de uma determinada área de conhecimento, ou seja, uma dimensão terminológica, por outro, é possível identificar uma linguagem comum, em parte transversal, aos gêneros discursivos que veiculam conhecimento especializado. Trata-se de formas linguísticas que ajudam a estruturar os textos e a marcar posições dentro da esfera científica (ou *campo*, para o sociólogo francês, já que as ciências constituem também espaços de poder e disputas), criando uma tonalidade estilística e retórica particular ao texto científico. Essas formas remetem às vezes de maneira explícita ao fazer científico – como, por exemplo, *de acordo com o modelo teórico X, o conceito de X postulado por*, ou, em francês, *s'appuyer/se fonder sur le modèle de X, préciser la notion de*, etc. –, mas também incluem o léxico metadiscursivo, de negociação da informação – como em *este artigo procura contribuir com, é necessário que* ou *nous pensons contribuer à* [pensamos contribuir para], *il s'avère nécessaire de* [mostra-se necessário], etc.

O manejo dessas dimensões linguístico-textuais é condição para a aceitação do discurso científico dentro de sua área de especialidade e, sobretudo, por uma comunidade discursiva (SWALES, 1990). Tal aprendizagem transcorre comumente pelas experiências de leitura e escrita em meio universitário, na leitura de textos para as aulas e na produção textual derivada de leituras, mas também junto a grupos de pesquisa, em eventos universitários (colóquios, encontros etc.) e em momentos fortes da produção acadêmica dos estudantes, como a redação de trabalhos de conclusão de curso e, mais adiante, de dissertações, teses, relatórios e artigos. Esse percurso de interação pela linguagem acadêmico-científica, isto é, de letramento acadêmico, que pode ser mais ou menos penoso para os estudantes – em razão de seu capital escolar e cultural e sobretudo do potencial de seu capital social, que implica inter-reconhecimento entre os atores sociais (BOURDIEU, 1983), bem como de suas disposições individuais (LAHIRE, 2008) –, pode se tornar ainda mais desafiador em situações “interlinguísticas”, que são sempre de interculturalidade. Mais especificamente, essa situação é verificada junto àqueles cuja língua de elaboração do pensamento não é a mesma que devem compreender e, sobretudo,

em que costumam se expressar e se auto-representar. Nesse sentido, tal experiência provavelmente não se distancie muito de situações de tradução, e se torna cada vez mais comum, para nós, com os processos de intensificação de intercâmbios universitários, com as imigrações e o acolhimento de estrangeiros que buscam formação acadêmica e profissional, mas também de inclusão social.

A Base ArtCient<sup>3</sup>, ainda em fase de preenchimento e ajustes, reúne, assim, fraseologias (ou padrões lexicogramaticais) comuns ao artigo científico para consulta em português brasileiro e francês, particularmente da perspectiva das línguas adicionais e estrangeiras, nas áreas de Linguística, Economia e Engenharia/Conservação de Bens Materiais (doravante Eng./Cons.). A fim de “sugerir pistas de redação para estudantes e tradutores” (LOGUERCIO, 2020, p. 162), ela leva em conta a função textual-retórica das unidades lexicais selecionadas, propiciando tanto a consulta onomasiológica em cada língua quanto o estabelecimento de equivalências interlinguísticas via funções. Essas pistas servem antes como um “trampolim” para a expressão, não como prescrições, e poderão ser melhor compreendidas nas próximas seções, em que explicamos nossos princípios teóricos, o passo a passo metodológico – que conta com o auxílio de expedientes da Linguística de Corpus –, bem como em que ilustramos os elementos que compõem a base e suas opções de consulta.

## 1. Princípios teóricos e percurso metodológico

### *1.1 Estudo dos gêneros do discurso e análises preliminares*

Nosso estudo inicia por uma análise de natureza sociorretórica dos artigos científicos nas áreas de conhecimento contempladas. Levamos à risca a compreensão de que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de

---

<sup>3</sup> Além de executar o que idealizamos como base de dados, Víctor Martínez (Laboratório de Inferência de Dados Complexos (RECOD) – Instituto de Computação, Unicamp) sugeriu o belo e apropriado nome para a base. Registro aqui nosso agradecimento pela colaboração e pelo trabalho de excelência. Agradeço igualmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que, através do edital Universal/2016, financiou esse projeto (Processo n. 425103/2016-1).

enunciados”, os “gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1979 [2011], p. 12). Sendo estes de “tipo secundário”, ou seja, aqueles que “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (op. cit., p. 15), como, entre outros, os gêneros acadêmico-científicos, se faz necessária uma descrição que associe a esfera de comunicação (no caso, a área de conhecimento em um dado tempo-espaço), sua relação com outros objetos semióticos que definem posturas predominantes (como, por exemplo, tecnopragmática, epistêmica, ética, estética, segundo MALRIEU, 2004, p. 75), seu contexto externo (como o meio de difusão e as orientações dos periódicos científicos, por exemplo) e a maneira como se organizam e se estruturam (lembrando que forma e conteúdo andam juntos).

Como já dissemos em outro momento, “tal estudo constitui igualmente uma ‘análise didática de discurso’ (BEACCO, 1985, p. 115), que busca identificar marcadores textuais variáveis culturalmente, a fim de desenvolver uma competência discursiva acadêmica e plurilíngue.” (LOGUERCIO, 2020, p. 143). Para fins didáticos, trata-se de focar as formas particulares que as línguas adquirem em dada situação de uso, em dado campo.

Nesse sentido, é de absoluta relevância para nós, igualmente, o conceito de “comunidade discursiva” (SWALES, 1990), relacionado principalmente à interação escrita e a tipos secundários de gêneros discursivos. Como nos explica Swales (op. cit., p. 23-24), ao distingui-lo do conceito de comunidade de fala (HYMES, 1974, apud SWALES, op. cit.), a comunidade discursiva leva em conta interlocuções anteriores, ou seja, um fio condutor da interação, que se dá entre participantes de lugares distintos, o que é proporcionado pela escrita e, ao mesmo tempo, a influência; como tal interação é motivada por objetivos previamente identificados e compartilhados entre os sujeitos, ou seja, não se dá de maneira aleatória ou espontânea, é marcada por uma sociorretórica, em que o caráter funcional do comportamento linguístico tem um peso importante; desse modo, comunidades discursivas tendem a ser “centrífugas”, isto é, distinguem-se mais do que se misturam, selecionam seus participantes mais do que agregam. Para uma comunidade discursiva importa, portanto, “falar a mesma língua”.

Essa linguagem comum, compartilhada, é moldada socialmente de maneira implícita, uma vez que é herdada ou fruto de uma

adesão epistemológica, a partir do convívio em meio acadêmico que mencionamos antes, e de maneira explícita, por meio das recomendações dos periódicos científicos e dos pareceristas, por exemplo. Como funcionam então esses textos, sua prosa? Como se organizam, quais os “protocolos” de comunicação?

A partir de uma amostragem dos *corpora*<sup>4</sup> das áreas em cada língua, identificamos orientações gerais dos periódicos e a estrutura dos artigos, para então analisar os movimentos retóricos nas seções introdutórias e conclusivas, ao modo da análise sociorretórica inspirada em Swales (1990; 2004) e Bhatia (2004). Buscamos compreender a organização lógica privilegiada, desde o encaminhamento do relato, ou seja, a natureza da investigação e a perspectiva adotada, até seu ponto de chegada, visto nos comentários finais.

De maneira bem genérica, podemos dizer que, neste plano de análise, há mais diferenças entre as áreas do que entre as comunidades linguísticas, predominando, nesse caso, a tradição epistemológica das comunidades científicas que, como bem observou Swales (1990), tendem a ser “centrífugas”. Artigos de Linguística têm uma estrutura menos estrita, variando mais em relação aos movimentos retóricos do que as demais áreas; artigos de Economia e de Eng./Cons., por sua vez, seguem um padrão relativo à estrutura dos textos e ao tipo de conteúdo que se espera encontrar. Os textos respondem, sem dúvida, a orientações que, como dissemos, são também explícitas nos periódicos: os primeiros dão instruções sobretudo de formatação, ao passo que os segundos estipulam, de maneira detalhada, a estrutura dos artigos, privilegiando o modelo IMRD (introdução, método, resultados, discussão), e, em muitos casos, fornecem orientações de estilo de linguagem, especialmente em francês.

A estrutura do texto se reflete nos movimentos retóricos das seções analisadas<sup>5</sup>. Assim, a parte introdutória dos artigos de Linguística parte de uma grande contextualização da pesquisa,

---

<sup>4</sup> Em português, nos guiamos pela classificação da Capes, selecionando periódicos Qualis A ou B1-2 nos últimos anos; e no caso dos *corpora* em francês, por serem financiados por instituições nacionais de pesquisa (como o CNRS da França) e/ou vinculados a instituições de renome, como a Université Paris Ouest (Nanterre) e a Université de Montréal. Buscamos compor assim um material representativo do que é tido como “modelo” de artigo nas respectivas áreas.

<sup>5</sup> Uma apresentação detalhada dessa análise é feita em Loguercio (2020).

marcando principalmente a filiação teórica e uma problematização para a introduzir o objeto de estudo e/ou os objetivos, que podem mudar substancialmente conforme a perspectiva adotada. Apesar de a Economia ser uma área de Humanas, seus textos se aproximam da construção que vemos nos textos de Eng./Cons., com um grau de padronização ainda maior do que esses últimos. Ambas as esferas introduzem o artigo definindo claramente um problema, os objetivos do estudo e a metodologia empregada; os textos de Economia encerram a seção sempre com um roteiro do artigo. As partes conclusivas, embora apresentem mais variação em todas as áreas – momento em que a autoria se torna mais explícita –, correspondem ao encaminhamento visto na parte introdutória: além de retomar os elementos essenciais do estudo, textos de Linguística buscam, acima de tudo, promover o marco teórico-metodológico no qual se apoiam; ao passo que textos de Economia e de Eng./Cons. enfatizam os resultados da pesquisa, que podem vir seguidos de comentários sobre o método e de projeções para trabalhos futuros.

Em relação às comunidades linguísticas, as diferenças não parecem tão visíveis no que diz respeito aos movimentos retóricos. No entanto, dois aspectos chamaram a atenção quando da análise comparativa entre as línguas: a maior objetividade em francês na apresentação do tema e dos objetivos de pesquisa em Linguística, sempre claramente identificados, e a profundidade da discussão dos resultados e/ou dos desdobramentos do estudo na seção conclusiva de todas as áreas nos artigos em francês. De maneira geral, movimentos de discussão (posicionamento, comparação, recomendações etc.) aparecem de forma mais diluída nos artigos brasileiros, ao passo que, em francês, estão mais concentrados no fechamento do texto. Cabe notar que é comum, inclusive, a seção final ser intitulada como *Discussion et conclusions* ou simplesmente *Discussion*.

Mais do que diferenças interlinguísticas, essa etapa da análise ajuda a criar expectativas em relação às unidades fraseológicas de maneira geral. Podemos supor, a despeito de haver formas comuns a todas as áreas – relativa à própria instauração do texto como fruto de uma investigação científica, atrelada a um campo e a um método científico –, que os *corpora* de Linguística serão particularmente ricos em formas textual-discursivas que ajudam a negociar os sentidos, a avaliar o que está sendo dito a partir de uma perspectiva que é construída textualmente; os de Economia serão

profícuos em formas de “mostração”, uma vez que sua discussão têm como ponto de partida “dados”; e os de Eng./Cons., por fim, não escaparão à descrição de técnicas, instrumentos e procedimentos.

### 1.2 Definição e identificação da unidade lexical de análise

À luz de estudos como os de Hyland (2005, 2008), Pecman (2007) e Tutin (2007, 2013), compreendemos que, para além da estrutura, do meio de difusão e da retórica, a linguagem comum dos gêneros científicos se reflete no nível sintagmático, na combinação de elementos lexicais ou, em outras palavras, no nível fraseológico. Para ilustrar, podemos dizer que não é o fato de falar de um *estudo* ou de uma *pesquisa* que aponta para a singularidade da linguagem do artigo científico, mas falar de *amostras de estudo, o presente estudo, o objeto de estudo (deste trabalho), os dados/o objeto da pesquisa, o objetivo deste (do) estudo é (foi) investigar* etc. Além dessas formas, que apontam para a linguagem metacientífica, há outras menos evidentes, pois são da ordem do metadiscurso comum à interação entre cientistas, tais como *à luz de, com base em, trata-se de, X aponta a existência de, com intuito de verificar X, foi possível concluir que* etc., que também contribuem para a conformação de seu jeito de dizer.

A fraseologia, nesse caso, engloba fenômenos variados, como as colocações (com graus variáveis de fixação<sup>6</sup>), as coligações ou locuções ou ainda rotinas retóricas (frases ou quase-frases feitas). Por essa razão, é descrita por formas genéricas entre os autores que se dedicam ao tema: “fraseoléxico” (PECMAN, 2007), “pacotes lexicais” (HYLAND, 2008), “sequências lexicais” (TUTIN, 2013) ou ainda “combinações lexicais acadêmicas” (ALONSO-RAMOS; GARCÍA-SALIDO; GARCIA, 2017). Para nós, que adotamos com frequência a expressão “fraseologia de gênero” utilizada por Tutin (2007), é compreendida, mais particularmente, como um padrão lexicogramatical

que veicula um movimento ou estratégia retórica para a construção do discurso científico, não necessariamente vinculada aos elementos do método científico ou à macroestrutura textual,

---

<sup>6</sup> Corpas Pastor (1996), por exemplo, as classifica como *livres, restritas, estáveis e categoria de ponte* (aquelas que se encontram no limiar da expressão idiomática).

mas ao modo com que se constrói a ‘prosa’ em dado gênero do discurso científico” (LOGUERCIO, 2020: 141).

Consideramos a noção de padrão lexicogramatical na medida em que nossas unidades são identificadas dentro de “quadros semântico-retóricos” ou “frames semânticos” (TUTIN, 2013). Assim, a partir de um nível lexical e sintático (itens lexicais que coocorrem com frequência nos textos e que chamamos genericamente, em nossa base, de “expressões”), associa-se um nível semântico-enunciativo (tipos semânticos dos predicados relacionados ao gênero discursivo) ao qual é atribuída uma função textual-retórica, último nível de análise. Os dois primeiros níveis constituem “esquemas sintático-semânticos” que são associados a uma ou mais função(ões) retórica(s), conforme ilustramos a seguir.

Quadro 1: Exemplo de esquema sintático-semântico em português.

Expressão	< a proposta de >
Nível sintático	[SN] [SV] < expressão > [SN]
Nível semântico-enunciativo	[Nós, S. impessoal, Nome próprio, este trabalho] [apresentar, discutir, considerar, seguir] <b>a proposta de</b> [Nome próprio, X] <i>que pode ser traduzido por</i> [sujeito agentivo, instrumental <sup>7</sup> ou impessoal] [verbos introdutórios] <expressão > [autor ou objeto de pesquisa]
Nível textual-retórico	Introduzir ou discutir pressupostos

Fonte: A autora.

<sup>7</sup> Essa denominação é tomada de Ignacio (2007), que distingue, em estruturas oracionais de ação/processo, sujeito *agentivo* (agente da ação), *causativo* (aquele que causa a ação) e *instrumental* (instrumento para a ação). Todos desencadeiam uma ação ou processo, com a diferença de que os dois últimos não apresentam a característica da intencionalidade ou não controlam a ação. Nos textos científicos, são comuns os tipos agentivos, vistos, por exemplo, em [Nós] *Consideramos, neste trabalho, a proposta de*, e instrumentais, percebidos em construções do tipo **os resultados apontam para, o presente trabalho busca contribuir** etc.

Quadro 2: Exemplo de esquema sintático-semântico em francês.

Expressão	< l'analyse d* >
Nível sintático	< expressão > [SN] [SV]
Nível semântico-enunciativo	<p><b>l'analyse d*</b> [données, corpus, X] [faire ressortir, faire apparaître, amener à, montrer, révéler]</p> <p><i>que pode ser traduzido por</i></p> <p>&lt; expressão &gt; [material analisado, objeto de análise] [verbos de constatação]</p>
Nível textual-retórico	Introduzir uma constatação

Fonte: A autora

As unidades lexicais que ilustram os níveis de análise implicados na identificação dos padrões lexicogramaticais foram extraídas dos *corpora*, que serão apresentados em seguida. Mais importante aqui é ressaltar que não é necessariamente a frequência com que duas palavras lexicais coocorrem, como, por exemplo, *apresentar* e *proposta* (conforme o Quadro 1), que determina um padrão combinatório, mas o tipo ou papel semântico que desempenham sintática e textualmente. Assim, vemos um conjunto de possibilidades, tanto no lugar do sujeito sintático quanto do predicado verbal, para introduzir determinada “proposta” científica (ou de cientista); essas possibilidades se aproximam no nível retórico, como vemos com o exemplo do Quadro 1. Muitas vezes ainda, percebe-se uma maior aproximação semântica, sinonímica ou mesmo antonímica, entre um conjunto de possibilidades de preenchimento desses papéis, como vemos com mais evidência no Quadro 2, com os verbos em francês *faire ressortir* [fazer com que seja destacado], *faire apparaître* [fazer com que apareça], *amener à* [levar/conduzir a], *montrer* [mostrar], *révéler* [revelar] etc.

É preciso salientar, finalmente, que a escolha metodológica de tratar com o máximo de flexibilidade a apreensão das unidades lexicais busca responder à complexidade textual do artigo científico em termos de organização e de argumentação. Embora seja possível identificar uma superestrutura relativamente estável no texto – introdução (apresentação do problema), apresentação do método e/ou da perspectiva de análise, análise e discussão –, trata-se de um enunciado longo, organizado por seções e, não raras vezes,

subseções (encaixes que formam miniestructuras), que combina, pelo menos, os tipos descritivo, narrativo e argumentativo, demandando uma articulação complexa de coesão. Os movimentos retóricos identificados tendem, dessa forma, à circularidade, ou seja, podem estar presentes em todas as partes do texto, e não associados à sua estrutura. A todo momento, fazemos referência a elementos externos e internos ao enunciado, justificamos escolhas, explicitamos pressupostos e propósitos, fazemos constatações etc.

## 2. *Corpora* e procedimentos de extração, seleção e análise dos padrões lexicogramaticais

Compusemos os *corpora* a partir da coleta de artigos disponíveis gratuitamente *on-line* nos portais dos periódicos, muitos deles reunidos em *sites* como Scielo e Cairn.info. Dentro das possibilidades de acesso, privilegiamos publicações de prestígio, seja pelo Qualis que apresentavam à época, no caso das publicações brasileiras, seja pela certificação institucional científica ou acadêmica, no caso das revistas francófonas. Também foram selecionados trabalhos de vertentes e temáticas diferentes, garantindo *corpora* balanceados. Esses *corpora* apresentam as seguintes características gerais.

Tabela 1: Dados dos *corpora*

Área	Período	nº artigos	Types/ Token (Pt)	Types/ Token (Fr)	Riqueza lexical (Pt)	Riqueza lexical (Fr)
Linguística	2008 a 2012	60	~24.800/ ~368.600	~24.900/ ~363.700	6,72 %	6,84 %
Economia	2010 a 2015	60	~17.500/ ~364.500	~17.400/ ~450.400	4,80 %	3,86 %
Eng./Cons.	2011 a 2018	60	~15.400/ ~163.100	~17.000/ ~214.100	9,44 %	7,94 %

Fonte: A autora.

O processamento automático dos *corpora*, com auxílio do AntConc 3.5.7 (ANTHONY, 2018), mostra que, tanto em termos de

volume quanto de riqueza lexical, não são observadas grandes distâncias entre as línguas, exceção feita aos *corpora* de Eng./Cons., cujos textos tendem a ser mais volumosos em francês. Na verdade, isso se explica pela própria composição do *corpus*, mais interdisciplinar que o *corpus* em português. Em compensação, é mais regular quanto ao léxico, o que pode ser atribuído ao fato de que os periódicos em francês fornecem uma orientação maior de redação e estilo, ou ainda à mais longa tradição científica na área.

Observando os dados das outras áreas, os elementos já comentados – diretrizes a autores e análise dos movimentos retóricos – também parecem se refletir nos dados da tabela. Os artigos de Linguística são produzidos em um contexto de menor controle da forma, se levarmos em conta o que recomendam os periódicos da área, do que os artigos de Economia; do mesmo modo, como já explorado em estudo anterior (LOGUERCIO, 2020), há uma variedade maior de maneiras de dizer dentro de cada movimento retórico identificado nos textos da primeira, apontando para uma maior variedade na linguagem comum do artigo.

Os procedimentos de extração, seleção e análise das unidades fraseológicas foram aplicados a todos os *corpora* indistintamente, conforme os seguintes passos:

1. Geração de agrupamentos lexicais frequentes: uso da ferramenta *n-grams*, de 3 a 4 palavras, com mínimo de 15 ocorrências;
2. Seleção dos agrupamentos: análise contextual com uso das ferramentas *concordance* (para identificar a existência ou não de padrões colocacionais), *concordance plot* (para verificar sua localização nos textos, o que por vezes se mostrou relevante) e *collocate* (para eliminar agrupamentos não pertinentes).

Essa, na verdade, foi uma primeira fase de seleção, em que foram eliminadas sequências terminológicas ou de conteúdo temático, como *sala de aula*, *poço de infiltração*, *mercado de trabalho* etc., em francês, *la valeur ajoutée* [o valor acrescido], *séparation des biens* [separação de bens]; sequências aleatórias, como *fato de que*, *em que se*, *em todos os* etc.; ou ainda que indicavam unidades lexicais, não raramente locuções adverbiais, conjuntivas ou outras, abundantes nos textos de maneira geral, sem uma função relevante para o gênero, como *por meio de*, *ao mesmo tempo*, *ao longo do*

*período* ou, em francês, *l'ensemble de* [o conjunto de], *sur la période* [no período], *à la fois* [ao mesmo tempo] etc.

3. Descrição sintática das combinatórias encontradas em consonância com os elementos lexicais e seu papel semântico.

Essa etapa ajudou a refinar a seleção, revelando combinatórias pertinentes para o gênero, mesmo quando não vinculadas diretamente ao léxico metacientífico, como ocorre com <a possibilidade de>, que, no *corpus* de Linguística aparece com um padrão colocacional pertinente para tratar de procedimentos metodológicos da área, através de formas como *afastar, eliminar, excluir, isolar* <a possibilidade de>. Do mesmo modo, muitas locuções selecionadas se mostraram pertinentes para o metadiscurso do artigo porque desencadeiam movimentos retóricos, como *tendo em vista, na medida em que* (explicativas), *em outras palavras, ou seja*<sup>8</sup> ou, em francês, *c'est-à-dire* etc. (reformuladoras), *il s'agit de* [trata-se de] (definidora), *pour ce qui est* [quanto a, no que diz respeito a] (delimitadora) etc.

Vale observar ainda que optamos por registrar, como padrão sintático preferencial, a construção mais frequente nos *corpora* e, quando pertinente, chamando a atenção em nota para outro tipo de construção possível, porém menos frequente. Isso ocorre, por exemplo, com a construção em torno de < *ce\* question\** > [essa\* questão(ões)], em que ao lado do padrão lexicogramatical mais frequente [*pour* [para], *afin de* [a fim de]] [*répondre à* [responder a], *aborder* [abordar], *examiner* [examinar]] *ce\* question\**, seguido de uma oração na voz ativa, do tipo *nous analysons* [analisamos], encontramos também ocorrências em que as orações estão invertidas, como *Nous abordons ces questions à partir de...* [Abordarmos essas questões a partir de] ou *Cette question est abordée à travers l'analyse...* [Essa questão é abordada através da análise].

4. Classificação textual-retórica (atribuição de um valor nocional ou intencional, considerando sua função no texto).

---

<sup>8</sup> Observo que algumas delas ainda não parecem ter sido bem descritas por dicionários brasileiros, a exemplo das locuções conjuntivas *por sua vez* e *da mesma forma*, muito frequentes nos artigos, mas que não constam no Houaiss (versão *on-line* de uso ilimitado) ou no Dicionário Online de Português, ambos de acesso livre na *web*.

A definição da função ou do valor textual-retórico – inspirada principalmente em Pecman (2008) – leva em conta, como já salientamos, o contexto mais imediato de ocorrência das sequências identificadas, não propriamente a estrutura dos textos. Basicamente, há dois tipos de fraseologia: aquelas cuja função, embora identificada nas relações imediatas que estabelece entre os argumentos do texto, não depende dos colocados – trata-se de locuções, tais como *no que se refere a* ou *en ce qui concerne* que “enfocam um aspecto”, *por exemplo* ou *comme dans l'exemple* que “exemplificam” etc. em todos os empregos – e aquelas cuja função está mais estreitamente vinculada ao semantismo dos colocados. Neste segundo caso, teremos, a partir de uma mesma base, combinatórias distintas que incidem em funções distintas, como estes exemplos tirados do *corpus* de Eng./Cons. em português: **de acordo com** [*Nome Próprio, órgão, documentos, a necessidade de*] indica a função de “Introduzir/discutir pressupostos”, ao passo que a estrutura [*realizar, confeccionar, organizar, X*] **de acordo com** [*as dimensões d\*, o estado d\*, X*] indica a função de “Introduzir/discutir procedimentos”. Em sua maioria, as fraseologias evocam somente uma única função; em alguns casos, porém, respondem a mais de uma função, o que é registrado na base.

##### 5. Estabelecimento de equivalências interlinguísticas.

O estabelecimento da aproximação entre as línguas privilegia a via onomasiológica, em consonância com dois de nossos princípios mais gerais: primeiro, aquele que leva em conta a forma que as línguas adquirem em determinado contexto de uso, revelador não apenas de um anisomorfismo linguístico, visto sobretudo na lexicogramática, mas de preferências enunciativas e discursivas, mais relacionadas à configuração dos gêneros do discurso; segundo, um princípio mais didático, que busca sugerir que há distintas possibilidades de expressão para um mesmo “paradigma” retórico e que, ao final, se há pistas de *como* se dizer, não há fórmulas fechadas. Por outro lado, também é feita uma associação a partir da unidade lexical de base – não propriamente do padrão colocacional, que pode variar substancialmente – caso ela responda à mesma função textual-retórica, como será ilustrado mais adiante. Isso parece favorecer o desenvolvimento de uma postura autoral, um desafio

para muitos jovens pesquisadores<sup>9</sup> e para pesquisadores experientes quando escrevem em uma língua na qual não estão habituados a redigirem seus trabalhos.

Até o momento, validamos pouco mais de 80 unidades em português e 60 em francês, e identificamos ao todo 21 funções retóricas. Esses dados foram registrados em fichas de trabalho, e então inseridos na base ArtCient, etapa que se encontra em andamento.

### 3. Apresentação da base de dados

Hospedada no *site* do Grupo TermiSul<sup>10</sup>, a base para consulta de padrões lexicogramaticais da linguagem científica segue o modelo de interface já desenvolvido para outras bases de dados do Grupo. Seu principal objetivo é sugerir possibilidades de expressão que respeitem, ao mesmo tempo, a idiomaticidade e o “estilo social” identificado nas marcas do gênero discursivo em questão. Ao mesmo tempo, ela servirá também para dirimir dúvidas relativas ao emprego de unidades lexicais ou fraseológicas, tanto no que diz respeito à gramática, vista de maneira induzida por meio das construções sintáticas, dos exemplos sugeridos e de notas, quanto no que diz respeito ao “sentido”, apontado sobretudo pela função textual-retórica.

Tal ferramenta visa, desse modo, um consulente já bastante familiarizado com as línguas contempladas (português brasileiro e/ou francês), que apresente um vasto repertório linguístico, sobretudo de gêneros escritos, e que necessite de apoio para a redação de trabalhos acadêmicos, notadamente artigos científicos e textos similares. Esse redator também poderá tirar proveito da base se estiver na situação de tradutor ou revisor. Trata-se, em última

---

<sup>9</sup> Nesse sentido, ver, entre outros, os estudos de Delcambre e Lahanier-Reuter (2015) e Assis (2015).

<sup>10</sup> Projeto Terminológico Cone Sul, fundado em 1991, no Instituto de Letras (UFRGS). Tradicionalmente voltado para a pesquisa teórica e aplicada em terminologia e terminografia, privilegiando como público-alvo redatores e tradutores, o TermiSul é marcado pela pluralidade linguística de seus projetos e a expansão de suas pesquisas, que abarcam diferentes áreas. Para conhecer detalhes do grupo, hoje liderado por Cleci Regina Bevilacqua, e os trabalhos disponíveis, acessar <http://www.ufrgs.br/termisul>.

análise, de um consulente com alto grau de autonomia no que tange à pesquisa linguística e textual.

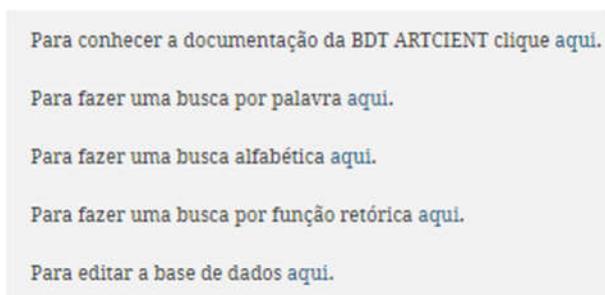
### *3.1 Elementos da ficha lexicogramatical*

A ficha é composta por nove campos de informação: 1. língua, 2. área, 3. esquema (sintático), 4. informações lexicais (no caso de colocações) ou expressão (locução sem padrão colocacional), 5. exemplo(s), 6. nota (quando pertinente, de modo a alertar para particularidades estilísticas, como o uso da voz passiva, a presença frequente de modalização, variações sintáticas menos frequentes etc.), 7. funções retóricas (na maioria das vezes somente uma), 8. um campo de remissão “Ver também”, que remete ou para fraseologias de mesma base e função diferente ou para formas sinonímicas, e 9. um campo de remissão “Equivalente(s)” para a outra língua. Esses campos serão ilustrados nas próximas seções, seguindo-se os procedimentos de busca.

### *3.2 Possibilidades de busca*

Ao acessar a base, o consulente poderá conhecer seus princípios, sua organização e suas instruções de uso se optar por “conhecer a documentação”, ou fazer diretamente uma consulta às informações lexicais por meio das três opções de busca, como vemos na Figura 1.

Figura 1: Possibilidades de acesso para iniciar a consulta à base



Fonte: Base ArtCient

Para uma consulta pontual, no caso de se querer verificar o uso de determinada fraseologia (quanto à combinatória, à cons-

trução sintática ou à função textual-retórica do vocabulário que tem em mente), se poderá recorrer, mais facilmente, à busca “por palavra”, o que, na base, constitui uma unidade lexical simples (normalmente um substantivo) ou uma locução. Essa busca é feita digitando-se a unidade por inteiro ou parte dela, mesmo de maneira truncada, escolhendo-se a língua de consulta (português ou francês), a(s) área(s) e, caso necessário, uma das formas disponíveis na base, como vemos na próxima figura.

Figura 2: Exemplo de busca por palavra

Digite a Palavra completa ou truncada.

partir d

Selecione a língua:  Português  Francês

Selecione a área:  Linguística  Economia  Engenharia e Conservação de Materiais

Palavra de Entrada

a partir de (Introduzir ou discutir procedimentos)

a partir de (Introduzir uma constatação)

Anterior Busca por Palavra Busca alfabética Busca por função retórica

Fonte: Base ArtCient

A base privilegia uma organização por homonímia, ou seja, entradas diferentes para funções diferentes, como vemos na figura 2, raras sendo as situações de polissemia (mais de uma função para uma mesma forma lexicogramatical). Tal escolha se justifica, primeiro, por permitir antecipar ao consulente que se trata de construções com funções (valores) diferentes na tessitura discursiva e, segundo, por permitir a busca por função retórica. Ao escolher uma das opções, tem-se acesso às informações lexicogramaticais (vistas no “Esquema”) e aos demais comentários da ficha (vistas nos “Exemplos” e na “Nota”, que dialoga com os exemplos), inclusive com

remissão para a outra construção fraseológica possível, que responde à outra função (em “Ver também”), como ilustra a próxima figura.

Figura 3: Exemplo de ficha: *a partir de (Introduzir ou discutir procedimentos)*

Língua: Português

Área: Economia

Esquema 1: S. Nominal + S. Verbal + Expressão + S. Nominal

X	+	estimar	+	a partir de	+	metodologia(s)
		calcular				modelo X
		obter				método X
		identificar				amostra (de X)
		analisar				X
		realizar				

Exemplo: [...] os elementos da matriz B podem ser estimados a partir da equação (2) [...]. (<http://dx.doi.org/10.1590/141598481826>, 26/07/2020)

Exemplo: O exame é realizado a partir de uma amostra de 497 imóveis da base de dados da Pesquisa Orçamento Familiar (POF). (<http://dx.doi.org/10.1590/91415-98482013000100003>, 26/07/2020)

Nota: Predomina o uso da voz passiva, por vezes com a explicitação do agente, como em: Os valores críticos para o teste foram obtidos por Johansen (1988) a partir do procedimento Monte Carlo [...]. (<http://dx.doi.org/10.1590/91415-98482012000100004>, 26/07/2020).

Funções Retóricas:

Introduzir ou discutir procedimentos

Ver também:

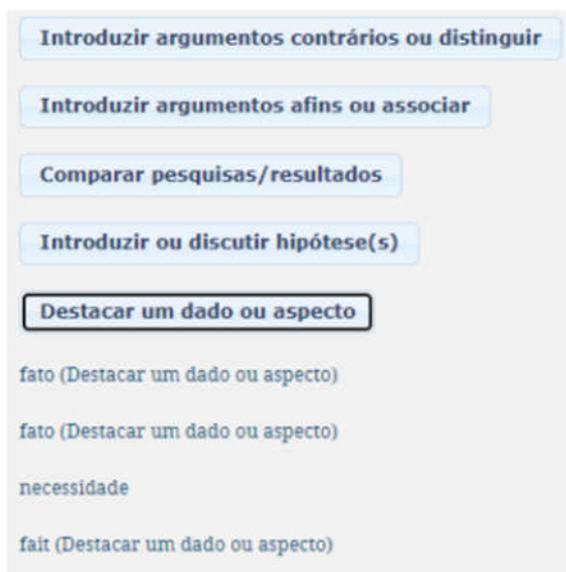
a partir de (Introduzir uma constatação)

Fonte: Base ArtCient

Essa consulta mais pontual, que supõe que o consulente “pergunte” algo à base, pode ser realizada também via “função retórica”. Nesse caso, consciente do que quer expressar quanto à ideia, mas ainda sem ter em mente uma formulação precisa, o consulente poderá escolher entre as opções disponíveis, tendo acesso a um conjunto de entradas vinculadas àquela função. Diferentemente da modalidade anterior, no entanto, nesse tipo de busca todas as entradas se encontram reunidas, não havendo seleção prévia de área ou de língua, o que é informado somente no interior de cada ficha. Esse conjunto de palavras desconexas – quase ao modo como as encontramos em um dicionário – não deixam de todo modo de informar sobre o que é produtivo nas línguas e de dar uma ideia de suas diferenças<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Ainda não é possível ilustrar totalmente isso aqui, uma vez que o preenchimento das fichas está mais avançado em português do que em francês neste momento.

Figura 4: Busca por função retórica



Fonte: Base ArtCient

A indicação da função ao lado da palavra-entrada indica que há outras fichas, respondendo a outras funções, com essa mesma palavra. Por outro lado, a repetição de entradas indica que pertencem a áreas diferentes, portanto a padrões lexicogramaticais particulares. Essa forma de acessar a informação acaba produzindo uma consulta mais exploratória, em que é preciso verificar mais de uma ficha para chegar a respostas satisfatórias. Em compensação, ela favorece a comparação, que pode ser feita entre as fichas de uma mesma língua, por exemplo, entre “fato” e “necessidade”, ou entre as duas entradas “fato”, sabidamente de áreas distintas, para conhecer especificidades fraseológicas. Embora menos imediata, essa consulta pode fornecer respostas interessantes, sobretudo para tradutores e revisores que buscam encontrar o “tom” mais adequado a um dado público. É possível descobrir, por exemplo, que, em Linguística, há uma variedade de sujeitos sintáticos possíveis para o predicado [*atentar para, alertar para, chamar a atenção para, salientar*] o *fato de*, ao passo que, em Economia, esse predicado é introduzido apenas por duas formas de sujeito: ou um sujeito

agentivo, representado por um nome próprio ou pelo sintagma “o(a) autor(a)”, ou um sujeito impessoal, expresso por uma voz passiva sintética (*chama-se a atenção para, atenta-se para* etc.). A comparação pode ser feita também entre as línguas, como ilustram as figuras a seguir.

Figura 5: Consulta à entrada *fato* (*Destacar um dado ou aspecto*)

**Área:** Linguística

**Esquema 1:** S. Nominal + S. Verbal + Expressão

o(a) autor(a) o estudo Nome próprio a análise [de X] X	+	atentar para alertar para chamar a atenção para salientar	+	<b>o fato de</b>
--	---	--	---	------------------

**Exemplo:** [...] a autora alerta para o fato de existirem poucas pesquisas preocupadas  
63982012000100005, 04/03/2019)

**Exemplo:** [...] gostaria de chamar a atenção para o fato de que a descolonização de metodologia  
árduo [...]. (<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000200009>, 04/03/2019)

**Funções Retóricas:**

Destacar um dado ou aspecto

**Ver também:**

fato (Introduzir uma constatação)

**Equivalente(s) em Francês :**

fait (Destacar um dado ou aspecto)

Fonte: Base ArtCient

Figura 6: Consulta à entrada *fait* (Destacar um dado ou aspecto).

*Área:* Linguística

**Esquema 1: S. Verbal + Expressão**

insister sur + **le fait que**  
renforcer

**Exemplo:** Nous insistons sur le fait que ce ne sont là que des échantillons  
(<http://www.erudit.org/revue/meta/2008/v53/n2/018526ar.html>, 28/04/2020)

**Exemplo:** Cela est renforcé par le fait que la séquence « déterminant + nom » du français est a  
28/04/2020)

**Funções Retóricas:**

Destacar um dado ou aspecto

**Ver também:**

[fait](#) (Introduzir ou discutir pressupostos)

**Equivalente(s) em Português :**

[fato](#) (Destacar um dado ou aspecto)

Fonte: Base ArtCient

Nesse segundo caso, fica ainda mais evidente que, se há semelhança quanto a posturas retóricas típicas do gênero discursivo de uma comunidade linguística para outra, há diferenças na forma em como expressam essas posturas.

Esse uso exploratório da base, que supõe uma espécie de “passeio” pelas entradas, é favorecido finalmente pela busca “alfabética”, em que se escolhe antes a língua e uma das áreas, para então percorrer as entradas disponíveis. O consulente tem a possibilidade, assim, de se familiarizar previamente com distintos modos de dizer daquela comunidade científica, tendo uma ideia de sua tonalidade estilística, prática que também parece beneficiar tradutores e revisores que buscam se aproximar das formas de dizer de uma dada área.

#### 4. Desafios futuros

No título deste artigo chamo a atenção para o *como* dizer, definindo a base ArtCient como um recurso de consulta voltado à ilustração de *formas*, aquelas que marcam o uso linguístico de comunidades discursivas no âmbito científico ou, parafraseando Bourdieu, que “dão forma” a seus discursos. Conhecer essas convenções – próprias de um tempo e esferas definidas – constitui parte do *savoir-faire* dos estudantes e, logo ali, dos cientistas, ou, em outras palavras, constitui uma aprendizagem, como de qualquer outra prática, portanto não se trata de uma competência acabada ou previamente limitada por experiências pré-universitárias e/ou pré-científicas. Os letramentos, inclusive o acadêmico, acontecem num *continuum*, supõem práticas, interações, novas representações e paradigmas e, por conseguinte, novas formas de dizer, e seguem provavelmente até o último “suspiro escrito”. Não há, desse modo, limite possível nem para as aprendizagens, nem para a descrição linguística.

Assim, a descrição a que nos propomos não será interrompida com a disponibilização da base, devendo esta ser alimentada constantemente com novas entradas, mas também com o aprimoramento dos comentários e das informações da ficha. Além disso, sua utilização será beneficiada se vier acompanhada de recursos didáticos digitais, que não apenas promovam uma consulta instruída, mas que dialoguem com a base a fim de exercitar o redator. Trata-se de levar a refletir sobre as formas dos discursos científicos, nesse caso, menos por uma atividade metalinguística (vista em grande medida na base) do que por uma atividade *epilinguística*: aquela “que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não” (FRANCHI, 2006, p.97), em outras palavras, transforma o consulente em agente, aquele que usa, mas também duvida, investiga, indaga, experimenta. É assim que a abordagem de descrição proposta para as fraseologias – via estudo dos gêneros do discurso e das funções retóricas – será complementada, podendo contribuir para a ampliação de participantes que dizem e escrevem o que pensam, ou seja, produzem e compartilham conhecimentos. O que não ocorrerá sem que a própria base seja colocada à prova pelos futuros usuários.

A conscientização dessas formas de dizer será reforçada à medida também que for possível tirar proveito da perspectiva comparativa, tanto entre as áreas – que podem servir de parâmetro para domínios do conhecimento vizinhos – quanto entre as línguas – que beneficiarão escreventes em português brasileiro e francês. O contraste ajuda a tomar consciência das formas e a refletir sobre o valor que adquirem numa e noutra comunidade linguístico-científica e, em última análise, a traduzir não propriamente o que se diz mas o que se quer dizer. Para isso também é preciso ter consciência de que há formas de expressão autorizadas, privilegiadas em dado campo da ciência, porque é antes de uma estilística que nos apropriamos para desenvolver um estilo pessoal.

Nesse sentido, gostaria de chamar a atenção, finalmente, para a relação dialética entre o ato de imitar e de criar, ações que estão na base de toda escrita acadêmica, mais em relação de complementaridade do que de oposição quando tratamos de produção de linguagem. Embora pouco se diga, há muita imitação em toda e qualquer aprendizagem, que é (re)produção, porque se dá justamente pela apropriação de regras e modelos. Seguindo na linha de Franchi (op. cit.), não há criatividade possível na linguagem sem, antes, apropriação de convenções<sup>12</sup>.

## 5. Referências

ALONSO-RAMOS, M.; GARCÍA-SALIDO, M.; GARCIA, M. Exploiting a Corpus to Compile a Lexical Resource for Academic Writing: Spanish Lexical Combinations. *Electronic lexicography in the 21st century: Proceedings of eLex*, 2017, p. 571-586.

ANTHONY, Laurence. AntConc 3.5.2. Tóquio: Waseda University. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.html> Acesso em: 3 mar. 2018.

ASSIS, Juliana Alves. “Eu sei mas não consigo colocar no papel aquilo que eu sei”: representações sobre os textos acadêmico-científicos. In: RINCK, F. et al.

---

<sup>12</sup> Agradeço aos bolsistas e orientandos que, ao longo do período de elaboração da pesquisa, contribuíram, de diversas maneiras, para me ajudar a formular o que apresento aqui: Alex de Cássio Silva, Diana Rocha, Elisa Rodrigues, Gabriel Hamdan, Júlia Pinheiro, Maria Eduarda Niederauer, Mauren Cereser e Wesley Martins.

(org.). *Letramento e formação universitária: formar para e pela escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p. 423-454.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1979 [2011].

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

BEACCO, Jean-Claude. Textes et modalisation: perspectives didactiques. *Langue Française*, v. 68, n. 1, 1985, p. 115-128.

BHATIA, Vijay K. *Worlds of Writtent Discourse: A Genre-Based View*. Londres: Continuum, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Tradução de Roberto L. Ferreira. Campinas: Papyrus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAVALLA, Cristelle. Les collocations dans les écrits universitaires: un lexique spécifique pour les apprenants étrangers. In: BERTRAND, O.; SCHAFFNER, I. (org.). *Le français de spécialité*. Palaiseau: Editions de l'Ecole Polytechnique, 2008, p. 93-104.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

COULON, Alain. *A condição de estudante*. Tradução de Georgina G. dos Santos e Sônia Maria R. Sampaio. Salvador: EDUFBA, 1977 [2008].

CRUZ, Maria Emília Almeida. O letramento acadêmico como prática social: novas abordagens. *Gestão e Conhecimento*, v. 4, n. 1, 2007, p.3-13.

DELCAMBRE, I.; LAHANIER-REUTER, D. Discurso de outrem e letramentos universitários. Tradução de Maíra Avelar Miranda. In: RINCK, F. et al. (org.). *Letramento e formação universitária: formar para e pela escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p. 225-250.

FRANCHI, Carlos. Gramática e criatividade. In: POSSENTI, S. (org.). *Mas o que é mesmo "Gramática"?* São Paulo: Parábola, 2006, p. 34-101.

HYLAND, Ken. *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. London: Continuum, 2005.

HYLAND, Ken. As can be seen: Lexical bundles and disciplinary variation. *English for Specific Purposes*, 27, 2008, p. 4-21. Disponível em: [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com) Acesso em: 4 jan. 2015.

IGNÁCIO, Sebastião. E. Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo. *Estudos Lingüísticos XXXVI*(1), jan.-abr. 2007. p. 126-132.

KILIAN, C. K.; LOGUERCIO, S. D. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. *Tradterm*, São Paulo, v. 26, p. 241-267, dec. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/113410> Acesso em 23 out. 2016.

KLETT, Estela. Lecture-compréhension en FLE à l'université: un parcours de cinquante ans. *Etudes de linguistique appliquée*, n. 148(4), 2007, p. 437-445.

LAHIRE, Bernard. *La raison scolaire*. Ecole et pratiques d'écriture, entre savoir et pouvoir. Rennes: PUR, 2008.

LAUFFLER-LAURIAN, Anne-Marie. *Recherches lexicales et syntaxiques sur les discours scientifiques et techniques*. Thèse d'Etat (Linguistique), Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, 1987.

LEA, M. R.; STREET, B. Student Writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, Londres, 1998, p. 157-172.

LOGUERCIO, S.D; KILIAN, C.K. Fraseologias de gênero de resumos de artigos científicos (português, alemão, francês). In: ZAVAGLIA, C.; SIMÃO, A.K.G. (org.). *Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparamiológicos*. São José do Rio Preto: UNESP, 2017, p. 88-101. Disponível em: [https://docs.wixstatic.com/ugd/93fcdb\\_df349d2cd9f44da9bb96ef6589260af4.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/93fcdb_df349d2cd9f44da9bb96ef6589260af4.pdf). Acesso em: 10 dez. 2017.

LOGUERCIO, Sandra Dias. Educação continuada no Acervo TERMISUL: um estudo da linguagem científica baseado em corpus e sua aplicação à disciplina de versão para o francês. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 375-398, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p375/37386> Acesso em: 14 mar. 2019.

LOGUERCIO, Sandra Dias. Entre buscar contribuir e la contribution: a modalização em resumos científicos em português e francês. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 22, n.3, p. 881-905, jul.-set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16662/10570> Acesso em: 14 mar. 2019.

LOGUERCIO, Sandra Dias. A linguagem comum do artigo científico em português brasileiro: um estudo baseado em corpus. *Revista ANTARES* (Letras e Humanidades) (UCS), v. 12, n. 25, p. 140-164, 2020. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/8238/4168> Acesso em: 16 jun. 2020.

LOGUERCIO, S. D.; CERESER, M. T. I.; BEVILACQUA, C. R. Uma proposta de objeto de aprendizagem para futuros tradutores: a modalização em resumos científicos em português, espanhol e francês. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte-MG, v. 11, n. 1, p. 43-59, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16780> Acesso em: 2 ago. 2019.

MALRIEU, Denise. Linguistique de corpus, genres textuels, temps et personnes. *Langages*, n. 153, 2004, p. 73-86.

MOTTA-ROTH, Désirée. *Rhetorical Features and Disciplinary Cultures: A Genre-Based Study of Academic Book Reviews in Linguistics, Chemistry and Economics*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

PECMAN, Mojca. Approche onomasiologique de la langue scientifique générale. *Revue française de linguistique appliquée* 2, v. XII, 2007, p. 79-96. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2007-2-page-79.htm> Acesso em: 18 jan. 2017.

SWALES, John. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge UP, 1990.

SWALES, John. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TUTIN, Agnès. Autour du lexique et de la phraséologie des écrits scientifiques. *Revue française de linguistique appliquée* 2, v. XII, 2007, p. 5-14. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2007-2-page-5.htm> Acesso em: 18 jan. 2017.

TUTIN, Agnès. La phraséologie transdisciplinaire des écrits scientifiques: des collocations aux routines sémantico-rhétoriques. In: TUTIN, A.; GROSSMANN, F. (org.). *L'écrit scientifique: du lexique au discours*. Rennes: PUR, 2013, p. 27-43.